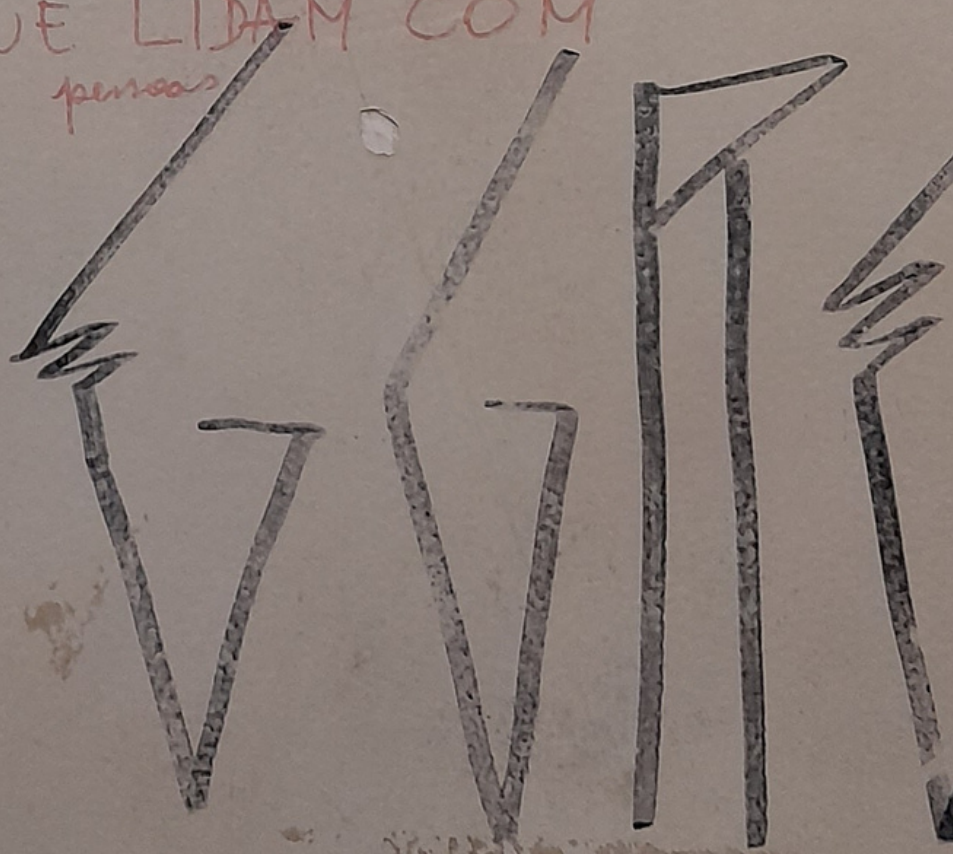


OS PROFESSORES

precisam

LEMBRAR

QUE LIDAM COM
pessoas



“Os professores precisam lembrar que lidam com pessoas”.

Fotografia de uma parede do Centro de Tecnologia da UFRJ, onde foi gravada esta frase. Fotografia de Carlos Pereira, 2023.

O ANCESTRAL NA ESCOLA, HOJE!

por Natan Duarte

Acho que pensar a relação entre o ensinar, o aprender e a ancestralidade é uma provocação que, por natureza, abre um campo rico de possibilidades. Vivenciar a ancestralidade pedagogicamente vai muito além de contar a história de nós, seres pensantes, mutáveis, adaptáveis e influenciáveis. Vai além de colecionar fatos e fotos de épocas; vai além do estudo linguístico das populações; vai além de catalogar receitas culinárias ou de produzir um dicionário com elixires naturais para as mazelas do corpo, mente e espírito. Vivenciar a ancestralidade pedagogicamente é aprender com as mais profundas experiências humanas, reconhecendo na essência do ser o potencial de transmitir conhecimentos diversos que não se enclausuram num instante do tempo, pois são saberes que existem de maneira ampla, coletiva, sem um início definido ou um fim previsto.

Surge em mim, uma frase da professora da UFBA, Sônia Rangel, que disse: “Em muitas encenações das quais participei, como atuante ou como espectadora, nos ensaios se situava para mim a melhor parte e não no produto acabado” (RANGEL, 2009, p. 107).

Essa frase representa o que penso: A experiência é significativa! A vivência é importante! A sensibilidade precisa ser exercitada!

Hoje me acho menos sensível e menos recheado de possibilidades do que os que vieram antes de mim, e creio que muito disso se deve ao fato de termos deixado de aprender em rodas, ao céu aberto, e nos enclausurando em salas apertadas de maneira enfileirada, contemplando passivamente ‘retratos’ do passado, como alguém que vê seu reflexo no espelho mas que não se reconhece nele. Deixamos, com o passar do tempo, de valorizar a construção do saber pela experiência sensorial e nos limitamos a decorar *aquelas respostas* que os nossos avaliadores vão querer ver e escutar, seja no cálculo matemático, seja na opinião política, seja no comportamento durante a entrevista de emprego. E, dessa forma, nossa individualidade vai se confundindo e se perdendo num conjunto de padrões comportamentais pré-estabelecidos que retiram de nós a conexão que tínhamos com os ‘*outros-nós*’, aqueles que passaram e já se foram, mas que deixaram um importante legado identitário.

Mas não precisa ser assim. Há variadas maneiras de se vivenciar a ancestralidade pedagogicamente. Mas antes, temos que entender que a própria ancestralidade pode ser experimentada por diferentes óticas. Uma delas é o *ensinar através da ancestralidade*; outra é *ensinar com a ancestralidade*; temos também o *aprender através da vivência ancestral*; ou o *aprender com*

práticas ancestrais... Os métodos usados para compartilhar conhecimentos serão muitos e não podemos colocá-los numa escala de valor. O que podemos deduzir é que as experiências serão sempre diferentes. Mesmo na escola dita ‘convencional’, aquela inspirada no padrão eurocêntrico, onde o professor é visto como centro do conhecimento, a ancestralidade pode ser valorizada. Em aulas de língua portuguesa, por exemplo, pode ser muito interessante pesquisar, junto aos estudantes, a origem das palavras que utilizamos e a evolução de sua escrita e de sua pronúncia; cozinhar uma receita, um prato típico como o caruru, pode ser uma forma prática de estudar ciências (descobrimos quais as propriedades dos legumes que compõem aquele prato) e matemática (entendendo as proporções desses ingredientes em relação ao todo); tanto a geografia física quanto a política podem ser estudadas a partir de outros pontos de vista, do ponto de vista do indígena com a chegada dos portugueses ao Brasil, ou o ponto de vista dos escravizados, em vez de estudarmos a partir do olhar do europeu; as artes podem propor experimentações diversas de ritmos, cantigas, danças...

E isso está sendo feito. Professores de toda parte têm se voltado para a redescoberta e valorização de nossa ancestralidade. E por eu ser artista e professor da rede pública de ensino da disciplina teatro, dentro do currículo de arte, trago como exemplo a pesquisadora Inaicira Falcão dos Santos, que em seu doutorado abordou a relação do corpo e da ancestralidade, propondo a tríade dança-arte-educação. Diz ela: “Consideramos que essas forças geradas pela raiz do movimento, recarregam o indivíduo no tempo, no ritmo dos corpos, no ritmo dos mundos, aproximando-nos à nossa força

de origem...” (SANTOS, 2002, pag. 111).

Creio que o mais complexo no exercício da pedagogia pela/na/com/por ancestralidade seja que a mudança pedagógica se conecta intimamente a uma mudança de pensamento do docente. Cabe ao professor a pesquisa continuada, pesquisas para além dos manuais técnicos. Talvez assim, esse complexo conjunto de saberes ancestrais possa, aos poucos, ser inserido nas variadas práticas pedagógicas, proporcionando novas formas de fazer, de sentir e de vivenciar os conteúdos. É importante entender que a valorização da nossa ancestralidade na dinâmica da escola em nada diminui o ensino do currículo básico, pelo contrário, agrega, podendo mudar a forma como nos relacionamos no/com o mundo.

Referências

RANGEL, Sônia. **Olho Desarmado:** Objeto poético e trajeto criativo. Salvador: Solisluna, 2009.

SANTOS, Inaicira Falcão dos. **Corpo e Ancestralidade:** uma proposta plural de dança-arte-educação. Salvador. EDUFBA. 2002.



Adinkra *Nea Onnim No Sua A Ohu*, que significa “quem não sabe, pode saber aprendendo”.